

Dos/das professores/as que ousam criar-inventar nos/com os cotidianos escolares

Carollina Martins de Paiva Ribeiro
Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP)

Resumo

No presente trabalho, apresentamos as ideias iniciais do projeto de pesquisa de doutorado da autora, em andamento. Procuramos apresentar nesse texto, as idas e vindas da pesquisa, tendo em vista, o tempo decorrido entre a submissão do trabalho à comissão científica do XIII SEMINARIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO e a apresentação do mesmo no dia do evento. Essas idas e vindas são resultado de um aprofundamento teórico e também de mudanças metodológicas que, por sua vez, estão intrinsecamente associadas a escolhas também políticas-éticas-estéticas e que são parte fundante do fazer pesquisa, sobretudo, nas Ciências Humanas e do ser pesquisadora. Como parte fundamental desse aprofundamento teórico destaco os estudos e as conversas ocorridas nos *espaçostempos* dos encontros do GRECOTIDIANO (Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação) da FE/UNICAMP do qual faço parte. Assim, apresentaremos ao longo do texto nosso problema de pesquisa e nosso objetivo/intenção geral, bem como nossas escolhas metodológicas e os princípios que as fundamentam, com a intenção de socializar ideias do nosso percurso formativo-investigativo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Formação docente continuada. Currículo. Trabalho docente.

As raízes dos interesses de pesquisa

Nossa pesquisa surge a partir de reflexões e inquietações que emergiram da minha própria experiência docente. Eu me formei no curso de Bacharelado em Ciências Biológicas e no início da minha trajetória acadêmica ser professora não era um desejo. Cresci ouvindo histórias de professoras (pois sou filha, sobrinha, afilhada e neta de professoras) e brincando de ‘dar aulas’ com minhas bonecas e irmãs. Paulo Freire (2001) anuncia ao contar sua história de vida que trazia consigo na infância um certo gosto pela docência, do qual compartilho, entretanto, no meu caso, com a juventude e a tomada de consciência acerca da desvalorização, sobretudo, financeira da profissão, me afastou, a princípio, desse caminho profissional. Apenas por volta do meu quinto ou sexto período da graduação, quando me aproximei de pesquisas em que eu conseguia

relacionar mais diretamente a ecologia dos sujeitos, foi quando eu tive a oportunidade de trabalhar com crianças e com as escolas em que elas estudavam. Na época, eu estava preocupada com a relação criança-natureza, algo que até hoje percebo que me é caro, inquietante e mobilizador. Nessa aproximação com as escolas e com as crianças, vi o meu interesse pela docência crescer novamente e é nesse caminho de construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso [TCC] que conheço uma escola agroecológica que me faz acreditar no potencial transformador das/nas ações educativas, sobretudo, nessa época, quando pensava em potencialidades acerca das questões relacionadas à conservação ambiental. Minha primeira e única experiência docente (até o momento desta escrita) aconteceu nessa escola em questão. Foram três anos de muito aprendizado que me levaram ao mestrado profissional em educação, ao doutorado e, mais recentemente, a licenciatura em Ciências Biológicas (os dois últimos ainda em andamento). No exercício da docência enquanto *práxis*, em diálogo com os estudos que vinha realizando no mestrado, percebi que o que mais tornava o meu trabalho na escola instigante e prazeroso era poder criar ações educativas a partir do encontro com o outro (estudantes, professores, famílias, outros funcionários da escola, etc.). Ações que nos permitiam conhecer mais do mundo e de nós mesmos, consonante com uma intencionalidade pedagógica potente e coletiva (pois compartilhada na comunidade escolar da qual era parte) de transformação da realidade, com raízes na agroecologia e nos princípios de uma formação humana e integral, visando à conservação da vida e a construção de uma cultura de paz.

Compreendo hoje esse “criar com o outro” como uma possibilidade de mobilizar uma rede de *saberes/fazeres* (carregada de princípios, intencionalidades, experiências, memórias, desejos, sonhos, sensibilidades, etc.) e também como um movimento de abertura à experiência do encontro consigo mesmo, com o mundo e com os tantos outros sujeitos, que em diálogo, mediatizados pela vida, culmina em criações curriculares impregnadas de sentidos e significados conforme uma ética que visa um bem comum.

Afastada do cotidiano escolar, após o fechamento da escola agroecológica em que eu trabalhava, ao longo dos estudos que vinha realizando no mestrado, durante o período de isolamento social em razão da pandemia de Covid-19, tive contato com as discussões de Miguel Arroyo (2013) sobre as disputas nos territórios do currículo e das lutas dos coletivos docentes por autoria criativa no trabalho. Essa discussão me atravessou em um lugar bastante caro, o que fez com que eu me identificasse com as

palavras de Arroyo e acreditasse com ele que essas lutas coletivas docentes estavam acontecendo nas escolas. Assim, decidi que queria investigar tanto as ‘ousadias criativas’ praticadas nos cotidianos escolares quanto às histórias dos/das professores/as que as realizavam. Esse querer, que me fez esperar, no sentido freiriano, em um momento pandêmico tão difícil, me pôs a caminhar na escrita do projeto de doutorado que hoje desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UNICAMP.

Com as idas e vindas da pesquisa, resultado de um processo de imersão em novas leituras, discussões, conversas e experiências vividas em contextos educativos distintos, reconheço que o projeto que escrevi para o processo seletivo do doutorado hoje já não é mais o mesmo, entretanto posso também perceber que o projeto ainda tem suas raízes nesse querer inicial e nessa aposta na potencialidade do que é criado nos cotidianos escolares.

Dito isso, nesse trabalho pretendo apresentar alguns dos meus movimentos de pesquisa, procurando evidenciar mudanças ocorridas ao longo desse tempo, desde a submissão do nosso trabalho à comissão científica do XIII SEMINARIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO até a data de apresentação do mesmo no evento ocorrido em setembro de 2023, bem como o nosso problema de pesquisa, objetivo/intenção geral da investigação e as nossas escolhas metodológicas-políticas-éticas-estéticas, a partir dos princípios que as fundamentam.

O problema de pesquisa, os objetivos e as escolhas metodológicas

O ano é 2023 e, atualmente, no Brasil, verificamos a ascensão de políticas educacionais conservadoras encabeçadas pelos *reformadores empresariais da educação* (Freitas, 2012). Apoiadas em uma “combinação de responsabilização, meritocracia e privatização”, essas políticas representam riscos ao sistema público de educação brasileiro e ao magistério (Freitas, 2012). Dentre os riscos previstos, destacamos o “estreitamento curricular nas escolas”, com propostas de um currículo mínimo de referência articulado às avaliações de larga escala, bem como a “precarização da formação docente”, com contornos cada vez mais “técnicos e práticos com foco nas metodologias de ensino” (Freitas, 2012, p. 389).

No campo curricular, em 2017-2018, foi homologada no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A Base é um “documento de caráter normativo que define

um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Ministério da Educação [MEC], 2017, p. 7). Desse modo, a Base, a partir de sua homologação, configura-se como a “referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares” (Ministério da Educação [MEC], 2017, p. 6).

Ao longo do processo de construção da BNCC, professores-pesquisadores e entidades encaminharam ao CNE (Conselho Nacional de Educação) documentos posicionando-se contrários a criação da Base, tendo em vista o seu caráter homogeneizador e universalista, que “descaracteriza o estudante em sua condição de diferença, desumaniza o trabalho docente em sua condição criativa e desconsidera a complexidade da vida na escola” (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação [ANPEd], 2017, p. 2).

Segundo Oliveira (2018, p. 56), embora a BNCC pressuponha que haverá melhorias na qualidade da educação a partir de “um currículo único para todos os estudantes do país, controlado de fora da escola por avaliações de larga escala e material didático padronizado, além de um sistema de prêmios e castigos destinado ao controle de docentes, gestores e estudantes”, para que de fato possamos promover a equalização social e a redução das desigualdades, devemos seguir no campo do currículo pela via da pluralidade e da diversidade, isto é, devemos garantir que “os pontos de partida sejam diferentes, para que o ponto de chegada seja o mesmo, do ponto de vista do exercício do direito de aprender” (Oliveira, 2018, p. 57).

De acordo com Oliveira (2018, p. 57), apesar de a política curricular estimular uma tentativa de padronização e homogeneização dos currículos, felizmente sabemos que “as escolas não são um campo vazio!” (Oliveira, 2018, p. 57) e que, portanto, nelas “criam-se currículos dia a dia, aula a aula, pois são *espaçostempos* de práticas curriculares de produção e circulação de conhecimentos, para além da difusão deles” (Oliveira, 2018, p. 57). Para Oliveira (2018, p. 58), embora seja inegável de que haja limites concretos para esse ‘acontecer curricular’, “impostos por políticas conservadoras e pelos problemas que elas mesmas causam e injustiças que alimentam”, esses limites são “permanentemente desafiados pelas construções cotidianas das escolas de qualidade, de uma educação plural, respeitosa, inclusiva individualmente, culturalmente, socialmente e epistemologicamente”.

Tendo esse cenário em vista, em nossa investigação, partimos do entendimento de currículo “como movimento, como fluxo e não apenas como forma ou produto que pode ser objetificado, medido e comercializado, como pretendem os defensores da BNCC” (Ferraço, 2017, p. 531). Apostamos com Ferraço (2017, p. 531) na ideia de “currículo como intensidades produzidas em meio às relações de poder que colocam-se nos planos lisos e estriados dos cotidianos das escolas”. Desse modo, nossa pesquisa se localiza em meio à problemática evidenciada nos parágrafos anteriores de disputa nos territórios do currículo, que abrange tanto os seus *espaçostempos* de construção quanto os sujeitos que os constroem e criam. Nesse sentido, apostamos na escola e nas aulas como esses *espaçostempos* de criação curricular e nos sujeitos encarnados, sobretudo, professores/as e estudantes, enquanto sujeitos inventivos/criadores que, diante da imprevisibilidade e da complexidade do real, criam currículos outros cotidianamente e subvertem a lógica dominante inventando modos de fazer como forma de re-existência.

Sendo assim, em nossa pesquisa, nos propomos *mergulhar* no cotidiano escolar (Alves, 2001) com a intenção de investigar com as/os professoras/es os movimentos cotidianos de criação curricular, seus elementos constitutivos e suas possibilidades, no que tange, especialmente, aos sentidos de *humanização* da/na/a partir da docência, isto é, do próprio fazer-ser docente, das/nas relações entre educadores/as e educandos/as e dos/nos processos de *aprenderensinar*.

Para tanto, a princípio, havíamos pensado, enquanto escolha metodológica, uma “forma de amostragem” conhecida como “Bola de neve” (Vinuto, 2014). Essa forma de amostragem é construída da seguinte maneira:

para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (Vinuto, 2014, p. 203).

Essa ‘forma de amostragem’ foi pensada enquanto inspiração na nossa pesquisa inicialmente devido ao meu desconhecimento dos potenciais participantes da pesquisa. Eu me perguntava: “Como encontrar os professores-autores das escolas públicas de Campinas/SP com quem eu poderia conversar acerca das criações curriculares?”, tendo em vista que eu havia chegado há tão pouco tempo na cidade. Com o aprofundamento teórico, com as conversas nos grupos de estudos e de pesquisa e com a minha

orientadora, entendemos que seria mais interessante olhar para os movimentos de criação em sua dimensão coletiva, a partir de um grupo de professoras que trabalham em uma mesma escola.

Diante disso, escolhemos realizar uma investigação que se localiza no bojo das discussões das pesquisas com narrativas (Lima, Geraldi & Geraldi, 2015) e dos/nos/com os cotidianos escolares (Ferraço, Soares & Alves, 2018), a partir dos princípios em que se fundamentam.

Quanto à pesquisa com narrativas destacamos o nosso interesse em fazer pesquisa *com* a escola e não *sobre* a escola, subvertendo a lógica sujeito-objeto na pesquisa, que segundo Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 18), é possibilitado a partir do uso das narrativas como método de investigação nas ciências da educação, ao passo que esse uso denuncia uma “insatisfação com as produções que se caracterizam por falar *sobre* a escola em vez de falar *com* ela e *a partir* dela”.

Quanto à pesquisa com/nos/dos cotidianos escolares, fundamentada na obra de Michel de Certeau (1998) e de Ferraço, Soares e Alves (2018), partimos do interesse de fomentar um processo formativo-investigativo com as participantes que potencialize o reconhecimento da autoria docente a partir de conversas acerca das ações educativas criadas e praticadas no cotidiano das escolas, compreendendo os sujeitos como *praticantespensantes* que inventam desvios e criam outros caminhos possíveis que constituem “um complexo e heterogêneo movimento antidisciplina, ou melhor, antidisciplinarização dos conhecimentos, valores e interesses em favor da afirmação da potência criadora da vida de todo dia, em todas as suas dimensões” (Ferraço; Soares & Alves, 2018, p. 38).

Algumas considerações

Diante do cenário brasileiro atual de regulação curricular, a partir da homologação da BNCC, que opera no apagamento das diferenças e desumaniza a profissão docente em sua condição criativa é que pretendemos com nossa investigação, ao localizá-la no bojo das discussões das pesquisas com narrativas e com/nos/dos cotidianos escolares, olhar com as/os professoras/es participantes para as criações curriculares praticadas por/com eles/elas em uma escola de educação básica pública e,

ao mesmo tempo, fomentar processos formativos que potencializem o reconhecimento e o fortalecimento da autoria criativa docente, sobretudo, em sua dimensão coletiva.

Referências

- Alves, N. (2001). Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Oliveira, I. B. de & Alves, N. Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Arroyo, M. G. (2013) *Currículo: território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação [ANPEd]. (2017). *A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Rio de Janeiro, RJ. https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/a_anped_e_a_bncc_versao_final.pdf
- Certeau, M. (1998). *Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 16ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ferraço, C. E. (2017). Práticas-políticas curriculares cotidianas como possibilidades de resistência aos clichês e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Linhas Críticas*, Brasília, DF, 23 (52), 524-537.
- Ferraço, C. E.; Soares, M. da C. S.; Alves, N. (2018). *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação* [online]. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Freire, P. (2001). Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos. In *Política e educação: ensaios*. Freire, P. 5ª Ed. São Paulo, SP: Cortez.
- Freitas, L. C. de. (2012). Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério a destruição do sistema público de educação. *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, 33 (119), 379-404.
- Ministério da Educação [MEC]. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- Lima, M. E. C. de C.; Geraldi, C.; Geraldi, J. W. (2015). O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, MG. 31 (1). 17-44.
- Oliveira, I. B. de. (2018). Políticas curriculares no contexto do golpe de 2016: debates atuais, embates e resistências. In *A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas*. Aguiar, M. A. da S. & Dourado, L. F. (Organizadores) [Livro Eletrônico]. Recife, PE: ANPAE.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*. Campinas, SP. 22 (44). 203-220.